



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **O desenvolvimento da inteligência nas leituras de Henri Bergson e Jean Piaget**

**Por:** Patrícia Gonçalves<sup>17</sup>

120 ANOS DA PUBLICAÇÃO DE MATÉRIA E MEMÓRIA DE H.  
BERGSON (1896)

### **Resumo**

Analisaremos neste trabalho, de que forma o filósofo Henri Bergson e o biólogo Jean Piaget, caracterizam a inteligência, analisam seu desenvolvimento orgânico e sua relação com o meio. Bergson, afirma que a inteligência está destinada a assegurar a inserção perfeita de nosso corpo em seu meio, a representar as relações entre coisas exteriores e a pensar a matéria. Jean Piaget, leitor de Bergson, analisou o texto *A evolução Criadora*<sup>18</sup> (2005) deste autor, onde iniciou seus primeiros passos na pesquisa biológica a respeito da formação do conhecimento humano e realizou algumas críticas à teoria do primeiro autor. Neste sentido, analisaremos os principais pontos discutidos por Piaget, no que diz respeito à origem da vida e a evolução da inteligência humana, pontuando onde este concorda com o autor, e onde discorda e desenvolve sua própria teoria do conhecimento humano.

**Palavras-chave:** Bergson; Piaget; Inteligência.

### **Rezumo**

*Ni analizos ĉi tiun verkon, kielaniere la filozofo Henri Bergson kaj la biologo Jean Piaget karakterizas la inteligentecon, analizas ĝian organikan disvolviĝon kaj ĝian rilaton kun la medio. Bergson deklaras, ke inteligenteco celas certigi la perfektan enmetiĝon de nia korpo en sian medion, por reprezenti la rilatojn inter eksteraj aferoj kaj pensi aferon.*

---

<sup>17</sup> Formada em Pedagogia e em Filosofia, pesquisadora na área de Inteligência e Mestranda na UFPR.  
Contato: pathy\_prof@hotmail.com

<sup>18</sup> BERGSON, H. *A evolução Criadora*; tradução Bento Prado Neto. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*Jean Piaget, leganto de Bergson, analizis la tekston La kreiva evoluo (2005) de ĉi tiu aŭtoro, kie li komencis siajn unuajn paŝojn en biologia esplorado pri la formado de homa scio kaj faris iujn kritikojn pri la teorio de la unua aŭtoro. En ĉi tiu senso, ni analizos la ĉefajn punktojn diskutitajn de Piaget pri la origino de vivo kaj la evoluo de homa inteligenteco, interpunkciante, kie li konsentas kun la aŭtoro, kaj kie li malkonsentas kaj evoluigas sian propran teorion pri homa scio.*

**Ŝlosilvortoj:** Bergson; Piageto; Inteligenteco.

### **Abstract**

*We will review in this paper, how the philosopher Henri Bergson and biologist Jean Piaget, characterize intelligence, analyze its organic development and its relationship to the environment. Bergson says that intelligence is to ensure the perfect integration of our body in their environment, to represent the relations between external things and thinking the matter. Jean Piaget, Bergson reader, examined the text Creative Evolution (2005) of this author, where he began his first steps in biological research about the formation of human knowledge, and made some criticisms of the first author's theory. In this sense, we analyze the main points discussed by Piaget, regarding to the origin of life and the evolution of human intelligence, punctuating where it agrees with the author, and where disputes and develops his own theory of human knowledge.*

**Keywords:** Bergson; Piaget; intelligence.

### **Introdução**

O presente projeto tem em vista analisar os conceitos de inteligência nas leituras dos autores Henri Bergson e Jean Piaget, analisando os pontos em que ambos rezam as mesmas concepções e os pontos em que Jean Piaget discorda do filósofo, no que diz respeito ao desenvolvimento da inteligência humana e constrói sua própria teoria do conhecimento.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em seu texto, *A Evolução Criadora*<sup>19</sup>, Bergson (2005) afirma que a inteligência está destinada a assegurar a inserção perfeita de nosso corpo no meio, a representar as relações entre coisas exteriores e a pensar a matéria. De acordo com ele, a espécie humana poderia ser chamada de *homo faber*, ao invés de *homo sapiens*, justamente por esta capacidade de lidar com a matéria, que tem vista, a fabricação de objetos.<sup>20</sup> (2005) Ele preconiza que diferente dos animais, que já nascem dotados de todos os instrumentos que serão necessários para bem viverem durante toda a sua vida, o ser humano traz consigo, o poder de fabricar através da matéria inerte, utensílios que possam ajudá-lo a sobreviver no meio em que está inserido. É assim que para ele, a teoria da evolução da vida e a teoria do conhecimento são inseparáveis.

Para Jean Piaget, o desenvolvimento da inteligência também é pensado em sua relação com os atos de adaptação dos organismos ao meio ambiente, sempre tendo em vista a manutenção do equilíbrio. A adaptação é a essência do funcionamento intelectual, e a essência do funcionamento biológico.

E, nesse sentido, a inteligência também é definida por Piaget, como adaptação. Sua função é estruturar o universo, da mesma forma que o organismo estrutura o meio ambiente, não havendo diferenças essenciais entre os seres vivos, mas somente tipos específicos de problemas, que implicam em níveis diversos de organizações.

---

<sup>19</sup> BERGSON, H. *A evolução Criadora*. Tradução Bento Prado Neto. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p.56



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Neste sentido, os conceitos de inteligência de ambos os pesquisadores parecem debutar nos mesmos fundamentos. Entretanto, no desenvolvimento desta pesquisa, buscaremos em seus textos, a confirmação ou a negação de tal hipótese.

### **O desenvolvimento da inteligência nas leituras de Henri Bergson e Jean Piaget.**

O filósofo Henri Bergson preconiza em *A Evolução Criadora*<sup>21</sup>(2005), que a existência do homem sobre a terra é datada a partir do momento em que os primeiros utensílios e as primeiras armas foram fabricadas. Fato emblemático para ele, de que a inteligência, característica mesma que distingue os homens dos demais animais, é capacidade eminentemente fabricadora, e não teórica.

O autor sustenta que, diferente dos animais que já nascem dotados de todos os instrumentos de que precisarão para bem viver durante toda sua vida, o ser humano fabrica instrumentos artificiais por meio da matéria inerte, para suprir suas necessidades fazendo uso da inteligência. Bergson afirma, que a inteligência fabrica instrumentos inorganizados, ou seja, artificiais e procura com eles resolver situações circunstanciais, utilizando para isso a matéria que o meio lhe dispõe, podendo variar sua fabricação de acordo com as circunstâncias, uma vez que a natureza renunciou a equipá-la com os materiais necessários para resolver estas situações adversas.

Sobre este poder de criação através da matéria inerte, o filósofo

---

<sup>21</sup> Ibid.02



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

afirma que o ser humano definido cientificamente como *homo sapiens*, talvez devesse se chamar *homo faber*<sup>22</sup> (2005), justamente por sua capacidade de fabricar utensílios e de variar infinitamente suas fabricações. Esta definição é apresentada no sentido não apenas de indicar uma de suas faculdades, mas aquela que, originariamente, o distingue dos demais seres vivos, ou seja, justamente esta capacidade de inventar e fabricar utensílios/ferramentas que facilitem/possibilitem sua ação no mundo – capacidade de invenção que abre todo um novo campo de ideias e sentimentos, que acompanham a invenção desses novos instrumentos. Em suas palavras,

Assim, todas as forças elementares da inteligência tendem a transformar a matéria em instrumento de ação, isto é, no sentido etimológico da palavra, em órgão. A vida, não contente em produzir organismos, gostaria de lhes dar como apêndice a própria matéria inorgânica, convertida num mesmo órgão pela indústria do ser vivo. Tal é a primeira tarefa que confere à inteligência.<sup>23</sup>

E como anunciado anteriormente, para criar estes instrumentos o ser humano faz uso da matéria. É através dela, que o ser humano realiza suas criações, e espera sempre os mesmos resultados dos instrumentos por ele fabricado. Sobre a expectativa dos mesmos resultados, Bergson (2005) preconiza: “(...) *por mais divisível que ele seja, sempre continuará o mesmo: divisível e imutável. E mesmo que ele se desloque, ou que haja o deslocamento de suas partes, ele ou elas, poderão voltar às mesmas posições, voltando a repetir o mesmo estado,*

---

<sup>22</sup> Ibid. p. 53

<sup>23</sup> Ibid., p.175



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*quantas vezes forem convenientes.”<sup>24</sup>*

Todavia, diferente do que acontece com os animais e seus instrumentos, o objeto fabricado pelo ser humano é imperfeito e obtido à base de esforço. Ele pode ser usado para uma série de manejos, dando ao ser que o possui o poder de resolver uma série de novas situações, mas em relação à sua especificidade, perde para o órgão natural, uma vez que no animal esse instrumento, se fabrica e se conserta a si mesmo, e apresenta, como em todas as obras da natureza, uma infinita complexidade de detalhe e uma simplicidade de funcionamento. Ele faz imediatamente, no momento desejado, sem dificuldade, e com perfeição frequentemente admirável, o que é chamado a fazer. Ainda sobre a fabricação de instrumentos, Bergson (2005) afirma,

(...) inferior ao instrumento natural para a satisfação das necessidades imediatas, será tão mais vantajoso que aquele quanto menos urgente for a necessidade. Sobretudo, repercute sobre a natureza do ser que o fabricou, pois, chamando-o a exercer uma nova função, confere-lhe por assim dizer, uma organização mais rica, sendo um órgão artificial que prolonga o organismo natural.<sup>25</sup>

Neste sentido, Bergson (2005) refere-se a poder, como algo que seria conferido ao homem por sua capacidade fabricadora – a inteligência<sup>26</sup>. No entanto, não define a que, exatamente, se refeririam esses poderes. Certamente não devem se resumir a um simples

---

<sup>24</sup> Ibid.,p.08

<sup>25</sup> Ibid., p.153

<sup>26</sup> Ibid., p.56



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

domínio técnico sobre a natureza, uma vez que ele se refere, em várias passagens do texto em que este tema volta à tona, ao surgimento de novos sentimentos, necessidades, ideias, e chega mesmo a se referir, à abertura de um campo indefinido de ação e à própria liberdade criadora.

Esta liberdade, proporciona ao homem uma seara de possibilidades de criação. Novas necessidades são criadas pelo ser humano a todo momento e para cada uma delas, um novo instrumento poderá ser criado, a fim de proporcionar ao homem uma nova forma de agir e de se relacionar com o meio e com as situações adversas pelas quais ele poderá deparar-se. De acordo com Bergson (2005),

Para cada necessidade que satisfaz, (o ser humano) cria uma necessidade nova e, assim, em vez de fechar, como o instinto, o círculo de ação no qual o animal irá mover-se automaticamente, abre para essa atividade um campo indefinido no qual a impele cada vez mais longe e a torna cada vez mais livre.<sup>27</sup>

Ainda sobre a definição de inteligência, que possibilita ao homem um poder para solucionar os problemas que a vida o impõem, Bergson (2005) retoma o já afirmado anteriormente, de que há na inteligência, uma tendência a sentir-se à vontade com aquilo que já conhece, com o antigo que se repete. Para o filósofo, Satisfazemos nossa necessidade de previsão ao recompor o mesmo com os mesmos elementos para obtermos os mesmos resultados. Em suas palavras,

---

<sup>27</sup> Ibid., p.153



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nossa inteligência, tal como a evolução da vida a modelou, tem por função essencial iluminar nossa conduta, preparar nossa ação sobre as coisas, prever, com relação a uma situação dada, os acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis que podem se seguir. Instintivamente, portanto, isola em uma situação aquilo que se assemelha ao já conhecido; procura o mesmo, a fim de poder aplicar seu princípio segundo o qual ‘o mesmo produz o mesmo’.<sup>28</sup>

Ela aprecia a associação de ações e efeitos antigos, aos mesmos resultados esperados, através das relações. Relações que, segundo Bergson (2005), os seres humanos estabelecem desde muito cedo. Ele nos lembra, que a criança compreende imediatamente algumas coisas que o animal nunca compreenderá, comparando a inteligência, neste sentido, à uma função hereditária e portanto inata. Segundo ele,

A função essencial da inteligência será, portanto, a de destrinçar, em circunstâncias quaisquer, o meio de se safar. Procurará o que pode servir melhor, isto é, inserir-se no quadro proposto. Versará essencialmente sobre as relações entre a situação dada e os meios de utilizá-la. O que há de inato, portanto, será a tendência a estabelecer relações e essa tendência implica o conhecimento natural de certas relações muito gerais, verdadeiro tecido que a atividade própria a cada inteligência irá talhar em relações mais particulares.<sup>29</sup>

Neste sentido, no de definir a inteligência, e a tendência para a qual ela se inclinou na linha de evolução, percebemos nas palavras do filósofo, a funcionalidade prática da inteligência humana, tendo em

---

<sup>28</sup> Ibid.,p.32

<sup>29</sup> Ibid., p.163



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vista garantir a inserção do ser humano no meio em que este está inserido, possibilitando a criação de instrumentos que o auxiliem a superar os obstáculos exteriores. Para Bergson (2005), *“Nossa inteligência, no sentido estrito da palavra, está destinada a assegurar a inserção perfeita de nosso corpo em seu meio, a representar-se as relações entre as coisas exteriores, enfim, a pensar a matéria.”*<sup>30</sup>

Ele ainda preconiza que, para além do sucesso da humanidade assim definido, o homem e a inteligência que o caracteriza, poderiam ser, ainda, qualificados por sua capacidade de se superarem a si mesmos. *“De modo que um conhecimento formal não se limita ao que é útil praticamente, ainda que seja em vista da utilidade prática que faça sua aparição no mundo. Um ser inteligente traz consigo os meios necessários para superar-se a si mesmo.”*<sup>31</sup> (2005)

No entanto, e este é um ponto de fundamental importância no pensamento de Bergson, o ser humano supera a si mesmo, porém menos do que gostaria, e menos também do que se imagina fazer. *“O caráter puramente formal da inteligência priva-a do lastro do qual precisaria para pousar nos objetos que seriam do mais alto interesse para a especulação”*<sup>32</sup>(2005). Ainda sobre esse poder de superação, Bergson (2005) afirma,

O homem cavalga na animalidade e a humanidade inteira, no espaço e no tempo, é um imenso exército que

---

<sup>30</sup> Ibid.,p.01

<sup>31</sup> Ibid., p.164

<sup>32</sup> Ibid., p.170



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

galopa ao lado de cada um de nós, na nossa frente e atrás de nós, numa carga contagiante, capaz de pulverizar todas as resistências e franquear muitos obstáculos, talvez mesmo a morte.<sup>33</sup>

A questão que se coloca a partir desta afirmação de Bergson, sobre a superação do homem em relação a si mesmo, parece ser a questão da superação da inteligência - formal, conceitual, voltada para a prática - que o caracteriza, no sentido de uma intuição criadora. Em outras palavras, a questão que se coloca é a da relação entre a inteligência técnica e a intuição criadora. Haveria uma superação da inteligência criadora através da intuição no ser humano? Esta é a questão com a qual Bergson termina sua obra, e que talvez tenha feito Jean Piaget questionar a teoria da evolução do conhecimento do filósofo, ou mesmo pode ter contribuído para a criação da teoria da evolução da inteligência humana de Piaget.

Feitas estas considerações a respeito do conceito de inteligência, por Henri Bergson, passaremos então, à Jean Piaget.

Jean Piaget, a partir de suas leituras bergsonianas, passou a se interessar pelo desenvolvimento do conhecimento nos seres, sobretudo o desenvolvimento da inteligência humana. Todavia, em sua autobiografia, Piaget sempre deixou claro que nunca se interessou pela educação. Seu interesse era restrito ao desenvolvimento da inteligência desde os reflexos inatos do bebê, até a idade adulta. Daí seu trato com as crianças. Ele criou o termo Epistemologia genética: estudo do conhecimento a partir de sua gênese, afim de estudar este processo de

---

<sup>33</sup> Ibid.,p.293



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desenvolvimento do conhecimento no ser humano, desde seu nascimento até a vida adulta. Nas palavras de Stoltz, (2011)

Isso significa que não há inteligência inata, mas que ela é construída a partir da interação. O construtivismo piagetiano explica a passagem de um nível de menor conhecimento para um de maior conhecimento. É preciso entender que, ao mesmo tempo que o sujeito constrói o objeto, constrói a si mesmo como sujeito. E tudo isso por meio de sua ação interativa com o meio em que vive.<sup>34</sup>

Essa breve explanação, já nos remete à uma aproximação com o pensamento de Bergson, no que diz respeito a ação do ser humano no ambiente em que vive, através do trato com a matéria.

Todavia, Piaget compreende a inteligência como adaptação. Para ele, sua função é estruturar o universo, da mesma forma que o organismo estrutura o meio ambiente, não havendo diferenças essenciais entre os seres vivos, sendo a inteligência, um caso particular da adaptação biológica. Assim, para Piaget (1982),

de certa forma, e no início da evolução mental, a adaptação intelectual é, pois, mais restrita do que a adaptação biológica, mas quando esta se prolonga, aquela a supera infinitamente: se do ponto de vista biológico, a inteligência é um caso particular da atividade orgânica, e se as coisas que percebemos ou conhecemos são uma parte restrita do meio ao qual o organismo tende a adaptar-se, dá-se em seguida uma inversão destas relações.<sup>35</sup>

Neste sentido, Piaget compreende que o desenvolvimento

---

<sup>34</sup> STOLTZ, Tânia. *As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar*. 3ª edição. rev., ampl. – Curitiba : IBPEX, 2011. p.17

<sup>35</sup> PIAGET, Jean e INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. São Paulo: DIFEL, 1982. p.52

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

intelectual age do mesmo modo que o desenvolvimento biológico, pois, para ele, a atividade intelectual não pode ser separada do funcionamento total do organismo. Ele afirma, que as estruturas da inteligência mudam pela adaptação às situações novas através de dois componentes: assimilação e acomodação.

Porém, antes de discorrermos sobre como o biólogo conceitua assimilação e acomodação, é preciso entender que para ele, o ser humano, desde o nascimento procura adaptar-se às novas situações, e assim, a adaptação é a essência do funcionamento intelectual, bem como a essência do funcionamento biológico. Segundo ele, a adaptação acontece através de uma organização, onde o organismo discrimina entre a miríade de estímulos e sensações com os quais é bombardeado e os organiza em forma de estrutura, assimilando-os e acomodando-os. Essas, assimilação e acomodação, são as categorias explicativas da evolução da inteligência para Piaget. Ainda nas palavras de Stoltz, (2011)

A adaptação é um processo dinâmico e contínuo, na qual a estrutura do organismo interage com o meio externo para se reconstituir e criar uma nova significação para o sujeito. O que é adaptado é, depois, organizado em sistemas coerentes na mente deste. Assim, podemos entender que a construção de nossa inteligência e do real não acontece de forma isolada e fragmentada, ela representa sempre a interação do que é assimilado em um sistema.<sup>36</sup>

Neste sentido, conhecer, consiste em operar sobre o real e

---

<sup>36</sup> Ibid. 13, p.18



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

transformá-lo afim de compreendê-lo, em função do sistema em transformação a que estão ligadas todas as ações. Piaget nomeia de esquema de ação, aquilo que numa ação é transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação para a seguinte. Assim, o que há de comum nas diversas repetições ou aplicações da mesma ação é um *esquema de ação*<sup>37</sup>. (1996)

Estes esquemas, são utilizados para processar e identificar a entrada de estímulos. Graças a este processo, o organismo está apto a diferenciá-los, como também está apto a generalizá-los. Para Stoltz, (2011)

Com as adaptações, surgem primeiramente os esquemas. Esquema é a unidade básica do conhecimento, define-se como a essência da ação e pode ser utilizada em outras situações, ou seja, é passível de generalização. É a interação do sujeito com o objeto que leva ao aparecimento e à reformulação de esquemas.<sup>38</sup>

Neste processo, um conjunto de esquemas e sua coordenação determinam o aparecimento de estruturas, que são sistemas de transformação que permitem o entendimento e a resolução de problemas na reais. As estruturas só podem ser percebidas quando o sujeito atua na realidade resolvendo problemas, pois os esquemas são estruturas intelectuais que organizam os eventos como eles são percebidos pelo organismo, classificando-os em grupos, de acordo com características comuns.

---

<sup>37</sup> Ibid.14, p. 37

<sup>38</sup> Ibid. 13, p.22



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Piaget afirma que alguns esquemas são simples, talvez até inatos ou de natureza reflexa, como o esquema de sucção do bebe no seio de sua nutriz,<sup>39</sup> (1996). Mas, a maioria deles não corresponde a uma montagem hereditária acabada, pelo contrário, são construídos pouco a pouco pelo indivíduo, dando lugar a diferenciações que ele nomeia como acomodações a situações novas.

Acomodação é definida por ele como toda modificação dos esquemas de assimilação, por influência de situações exteriores, pois, quando um esquema não for suficiente para responder a uma situação e resolver um problema, surge a necessidade de o esquema modificar-se em função da nova situação. “*Não havendo assim, assimilação sem acomodação.*”<sup>40</sup> (1996) Segundo Stoltz (2011)

A acomodação é o processo de ajuste do sujeito ao objeto novo. Isso não ocorre de uma hora para a outra, mas lentamente, por aproximação, determinando a possibilidade de avanço do conhecimento. A adaptação pode ser entendida como um estágio temporário de equilíbrio, por exemplo, quando a pessoa nasce, possui basicamente, a atividade dos reflexos. É a partir dela que vai conhecer a realidade, como no caso do reflexo de sucção, que lentamente vai sendo substituído pela atividade adaptativa de sucção, como no exemplo da criança que passa do seio da mãe para a mamadeira.<sup>41</sup>

Em outras palavras, o esquema de ação de sucção do leite da nutriz, que pode ser entendido como um esquema inato ou reflexo, foi

---

<sup>39</sup> Ibid. 19

<sup>40</sup> Ibid., p. 40

<sup>41</sup> Ibid., 13 p.42



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

assimilado e posteriormente acomodado, havendo assim o equilíbrio deste esquema, para que então o bebe possa assimilar um novo esquema de ação, a saber, o esquema de sucção da mamadeira. O que confirma que a assimilação de um novo dado perceptual, motor ou conceitual se dará primeiramente em esquemas já existentes, ou seja, acomodados em fases anteriores. Justificando assim, a teoria Piagetiana de que não existem acomodações sem assimilação, pois um dado perceptual, motor ou conceitual é acomodado perante a sua assimilação no sistema cognitivo existente.<sup>42</sup>(1996)

Assimilação e acomodação são, portanto, mecanismos complementares, não havendo assimilação sem acomodação, e vice-versa. A adaptação do sujeito ocorre através da equilibração entre esses dois mecanismos, não se tratando, porém, de um equilíbrio estático, mas essencialmente ativo e dinâmico. Para o autor, são as sucessões de equilibração, ou seja, os constantes desequilíbrios, cada vez mais amplos que possibilitam as modificações dos esquemas existentes a fim de atender a ruptura de equilíbrio, representadas pelas situações novas, para as quais não existia um esquema próprio. Nas palavras de Murani, (2010)

A inteligência é de fato assimilação na medida em que incorpora todos os dados da experiência. Quer se trate do pensamento, que graças ao juízo, faz entrar o novo no já conhecido, reduzindo assim o universo às suas próprias noções, quer se trate da inteligência sensório-motora que estrutura igualmente as coisas que percebe reconduzindo-as aos seus esquemas, nos dois casos a

---

<sup>42</sup> Ibid., p. 56



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

adaptação intelectual comporta um elemento de assimilação, quer dizer, de estruturação por incorporação da realidade exterior às formas derivadas à atividade do sujeito.<sup>43</sup>

Em seu texto *Sabedoria e Ilusões da Filosofia*<sup>44</sup>, (1983) Piaget sustenta, “Na realidade, a inteligência se constrói por etapas de equilíbrio sucessivas, de modo que o trabalho começa, em cada uma delas, por uma reconstrução do que já havia sido adquirido na etapa precedente, mas sob uma forma mais restrita.”<sup>45</sup>

Assim, a assimilação não pode ser pura, pois quando incorpora os elementos novos nos esquemas anteriores, a inteligência modifica imediatamente estes últimos para adaptá-los aos novos dados. O que o leva a afirmar que as coisas nunca são conhecidas em si mesmas, uma vez que o trabalho de acomodação só é possível em função do processo inverso de assimilação. Nas palavras de Piaget, (1983)

a adaptação intelectual, como qualquer outra, é uma equilíbrio progressiva entre um mecanismo assimilador e uma acomodação complementar. O espírito só se pode considerar adaptado a uma realidade quando há uma acomodação perfeita, isto é, quando nada nesta realidade modifica os esquemas do sujeito. Mas, não há adaptação se a nova realidade impõe atitudes motoras ou mentais contrárias às que tinham sido adaptadas no contato com outros dados anteriores: só há adaptação quando existe coerência, assimilação. <sup>46</sup>

<sup>43</sup> MURANI, Alberto. *Jean Piaget*; tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p.30.

<sup>44</sup> In: PIAGET, Jean. *A epistemologia genética – Saberes e ilusões da filosofia – problemas de psicologia genética*. Tradução Rosa Maria Stefanini Macedo. 2ª edição – São Paulo: Abril Cultural, 1983.

<sup>45</sup> Ibid.22, p.132

<sup>46</sup> Ibid. p.31



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Neste sentido, a teoria da equilibração, de maneira geral, trata de um ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, sendo considerada como um mecanismo autorregulador necessário para assegurar ao sujeito uma interação eficiente entre ele e o meio-ambiente.

Piaget reza que a equilibração é necessária, pois se o sujeito só assimilasse estímulos, acabaria com alguns poucos esquemas cognitivos, muito amplos, e por isso, incapaz de detectar diferenças nas coisas. O contrário também é nocivo, pois se o ser humano só acomodasse estímulos, acabaria com uma grande quantidade de esquemas cognitivos, porém muito pequenos, acarretando uma taxa de generalização tão baixa que a maioria das coisas seriam vistas sempre como diferentes, mesmo pertencendo à mesma classe.

No processo de aprendizagem, primeiro assimilamos. E este é um movimento que requer a interpretação do dado novo a partir de esquemas e estruturas já construídos. De acordo com Stoltz, (2011)

Isso significa que, para que tenhamos algum avanço no conhecimento, é preciso sempre incorporarmos primeiro o dado novo ao conhecimento que já possuímos. Só depois nos ajustamos ao objeto por conhecer.<sup>47</sup>

Citando Piaget, uma criança, ao experienciar um novo estímulo (ou um estímulo velho outra vez), ela tenta assimilar o estímulo novo a um esquema que já existente. Se ela for bem sucedida, o equilíbrio, em

---

<sup>47</sup> Ibid. 13, p.47

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

relação àquela situação estimuladora particular, é alcançado no momento. Se a criança não consegue assimilar o estímulo, ela tenta, então, fazer uma acomodação, modificando um esquema ou criando um esquema novo. Quando isso acontece, ocorre a assimilação do estímulo e, nesse momento, o equilíbrio é alcançado<sup>48</sup>. (1996)

### **Considerações Finais**

Depois de expormos separadamente alguns aspectos do pensamento de Henri Bergson e Jean Piaget, no que diz respeito a suas concepções de inteligência, podemos perceber algumas semelhanças entre seus conceitos. Mesmo nomeando os fenômenos de formas diferentes, os pensadores comungam, inicialmente, de ideias semelhantes.

Entretanto, Piaget, leitor de Bergson, analisa as concepções do estudioso e aponta o que ele define como frágil, em sua concepção da teoria da inteligência. Inicialmente, Piaget aponta dificuldades na redução, defendida por Bergson, da inteligência ao trato com a matéria, com os sólidos, o que, justamente, tornaria a inteligência inapta para apreender a vida em sua complexidade. A esse respeito, Piaget (1975) nos diz:

O primeiro argumento do filósofo é que a inteligência nasceu da ação sobre a matéria, mas há nisso uma dupla dificuldade. Em primeiro lugar, a inteligência procede da

---

<sup>48</sup> Ibid. 14, p.106



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ação em geral, e não somente da ação sobre a matéria: sobre a pessoa de outrem, sobre o (e por meio do) corpo mesmo, do mesmo modo que sobre os sólidos inanimados. Em segundo lugar; e principalmente, a lógica e as matemáticas não resultam da forma dos objetos aos quais podemos aplica-las, senão recaíamos no empirismo clássico, mas sim das coordenações gerais da ação (reunir, ordenar, por em correspondência, etc.), independentemente da natureza dos objetos visados.<sup>49</sup>

Para Piaget, quando Bergson afirma que a inteligência reconstitui o contínuo com o descontínuo e o movimento com o imóvel, o filósofo reduziria a inteligência a representação de uma imagem, visto que a imagem mental é efetivamente estática por natureza e inapta a aprender o contínuo. De acordo com Piaget, o filósofo francês esqueceria totalmente a existência das operações, que tem como objeto, por essência, as transformações e não só os estados, que consistem em atos e não em imagens, e que alcançam, enquanto tal, o movimento e a construção produtiva, criadora de estruturas dinâmicas.

Todavia, ambos comungam da mesma ideia de que a inteligência está para voltada para a inserção do ser humano em seu meio, tendo em vista associar o contínuo ao mesmo que se repete. Em *Biologia e Conhecimento*<sup>50</sup>, Piaget (1996) afirma,

As ações, com efeito, não se sucedem ao acaso, mas se repetem e se aplicam de maneira semelhante a situações comparáveis. Mais precisamente, reproduzem-se tais quais se os mesmos interesses correspondem situações

<sup>49</sup> Ibid.22, p.134

<sup>50</sup> PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento*. 2ª edição. Vozes : Petrópolis, 1996.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

análogas (...) <sup>51</sup>

No texto supracitado de Bergson, (2005) há semelhante passagem,

A inteligência, (...) isola em uma situação aquilo que se assemelha ao já conhecido; procura o mesmo, a fim de poder aplicar seu princípio segundo o qual ‘o mesmo produz o mesmo’.<sup>52</sup>

Essas questões levantadas por Piaget, no que diz respeito à caracterização da inteligência e aos meios dos quais ela se apropria para sua evolução e seu desenvolvimento, começam a evidenciar algumas semelhanças e diferenças de concepções entre ele e o filósofo. Contudo, antes de assumir uma postura tendenciosa, ou tentar provar com teses ou recortes de suas obras, quem se sobressai ao outro, é preciso sobretudo compreender que ambos autores contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento de como hoje compreendemos a inteligência humana. O que pode ser considerado como falhas ou fragilidades para alguns, pode parecer uma brecha de pesquisa intencionalmente colocada em questão para outros. A nós, não cabe julgar a superioridade dos estudiosos, mas apreciar suas obras e analisar seus conteúdos, com vistas ao que de melhor eles apresentam como contribuição para o desenvolvimento da teoria da evolução da inteligência humana.

---

<sup>51</sup> Ibid. 32, p.16

<sup>52</sup> Ibid. 02, p.53



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Referências

- BERGSON, H. **A evolução Criadora**. Tradução Bento Prado Neto. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução de João da Silva Gama. Lisboa : Edições 70, 2003.
- \_\_\_\_\_. **L'Évolution Créatrice**. Paris. PUF, 1948.
- \_\_\_\_\_. **Matéria e memória**. São Paulo: 2ª edição. Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O pensamento e o Movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- CASTORINA, José Antonio. FERREIRA, Emilia, LERNER, Delia. OLIVEIRA, Marta Khol de. **Piaget – Vigotsky**. São Paulo : Editora Ática, 1997.
- FUSTER, J. **Network memory**. Trends In Neuroscience, v. 20, n.10, p.451-459, 1997.
- GONÇALVES, Jonas Coelho. **Consciência e matéria.O dualismo de Bergson**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- LIMA, Lauro de Oliveira. In: MACEDO, Lino de. **Ensaaios Construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- MACEDO, Lino. **Ensaaios Construtivistas**. 3ª edição. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1994.
- MURANI, Alberto. **Jean Piaget**; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- PIAGET, Jean. **A epistemologia genética. Sabedoria e ilusões da filosofia. Problemas de Psicologia genética**. São Paulo : Abril Cultural, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A equilibrção das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- \_\_\_\_\_ & INHELDER, Barbel. **A psicologia da criança**. São Paulo: DIFEL, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Biologia e Conhecimento**. Vozes: Petrópolis, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Como se desarrolla la mente del niño**. In PIAGET, Jean et alii. *Los años postergados: la primera infância*. Paris : UNICEF, 1975.
- \_\_\_\_\_. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

PRADO Júnior, Bento. **Presença e o Campo Transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson** . São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Bergson: intuição e discurso filosófico**. São Paulo: Loyola, 1994.

STOLTZ, Tânia. **As prespectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar**. Curitiba: IBPEX, 2011.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e Afetividade da Criança**. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1996.

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os dois sentidos da vida**. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.